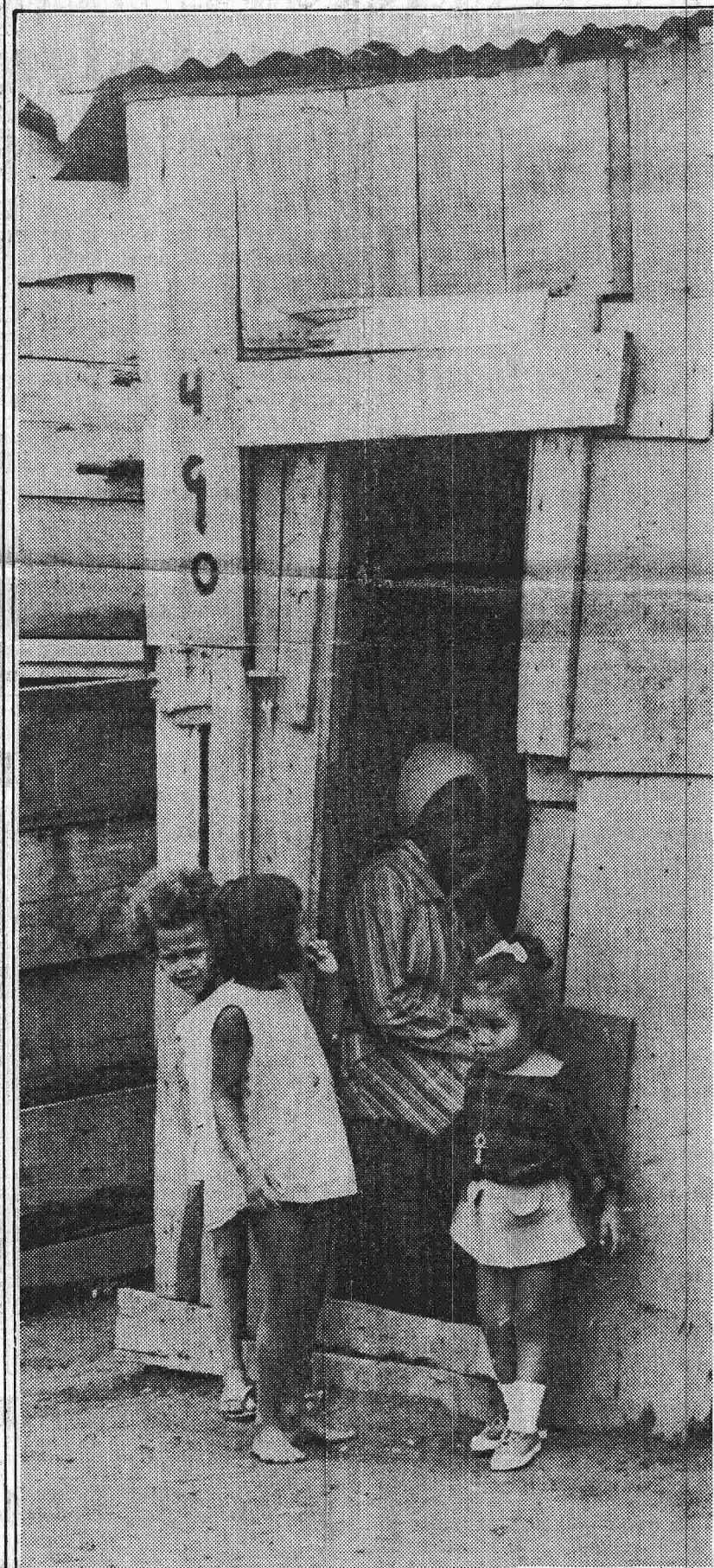


Para a elite, o sonho não acabou



...moradores de uma cidade-satélite, onde falta quase tudo

A elite é uma casta solitária, melancólica e, na verdade, infeliz, diz a escritora e empresária Vera Brant, juscenista, uma das pioneiras de Brasília, e para quem a Cidade possui uma platéia e um palco: "Quem está no palco não quer sair e sofre com o medo disso; quem está na platéia quer subir a qualquer preço, e também sofre, de ansiedade".

É uma penosa e constante luta, e envolvendo quase sempre pessoas medíocres. Alguns dos pioneiros, saudosos dos velhos tempos, lembram que naquela época os ministros atendiam pelos nomes de Gustavo Capanema, San Tiago Dantas, Milton Campos, Afonso Arinos e Tancredo Neves — homens de passado histórico e de alto nível intelectual.

Hoje, criticam os pioneiros com amargura, os ministros e os tecnocratas são homens que vieram do nada, quase selvagens, e que ocupam seus postos não por seus possíveis — e quase sempre raros — méritos intelectuais, mas porque têm laços de amizade com o poder. Fora da Cidade e do poder eles são cidadãos anônimos e apagados, reles funcionários de uma empresa qualquer, às vezes até obrigados — suprema humilhação — a bater ponto, pagar suas próprias passagens, suas contas e sua comida.

Como imaginar um lugar em que a primeira-dama da República estala os dedos e imediatamente surge a sua disposição um grande Boeing, e então ela embarca nesta gigantesca aeronave com suas amigas, cabeleireiro, manicure e maquiador, só para ver em Campinas — como fez em outubro de 1982 — a abertura de uma temporada musical cuja renda inicial — Cr\$ 3 milhões — seria doada para a Legião Brasileira de Assistência?

Como imaginar um lugar em que os altos funcionários da Corte, designados pela sigla DAS — Direção e Assessoramento Superior — são 6.267, dos quais a metade mora na Cidade e o resto se espalha pelo País afora, e quase todos têm direito ao que se convencionou chamar de "mordomias", benefícios indiretos que tornam o salário irrelevante, pois quase tudo recebem praticamente de graça?

Os mais altos DAS — os DAS-6 — estão imediatamente abaixo do grande chefe, o presidente, e seus direitos funcionais são regulamentados, ou seja, embora absurdos, não são ilegais. Em dezembro de 1980 os DAS tinham 210 mansões à beira do Lago, mas na época os jornais chamaram a atenção para o excesso de conforto e essas casas foram reduzidas.

Quais os direitos de um ministro, ou de um DAS-6 (secretário-geral de ministério)? Os ministros moram de graça à beira do Lago e podem, se suas mulheres não gostarem da de-

coração, redecorar o palácio, com tudo pago pelo governo. Dos móveis e das cortinas aos aparelhos eletrodomésticos, talheres e palitos, tudo é de graça, até mesmo os automóveis — dois — e o combustível para movê-los.

Não se paga pela comida e pela bebida, pelos serviços e pelo mordomo — já que mordomia sem mordomo seria algo inconcebível. Mas os DAS-6, coitados, não têm direito a tudo isso: embora morem de graça e não precisem comprar móveis e tapetes, seus gastos domésticos — luz, água, gás e telefone — são limitados a seis salários-referência, algo em torno de uns Cr\$ 300 mil por mês.

Os funcionários militares também têm suas regalias: os ministros desfrutam de mordomias idênticas às dos ministros civis e costumam morar não no Lago, mas no Setor Militar Urbano, cercados de toda a proteção. Os generais têm as mordomias dos funcionários DAS-6 e DAS-5, mas pagam uma taxa de ocupação — simbólica — pelo uso das casas. Têm direito a carros com motoristas e, no caso dos oficiais da Marinha, a serviços masculinos, que se dedicam a cozinhar, lavar roupa, passar e cuidar da casa, sujeitos a regulamentos marciais, o que significa, para as mulheres dos oficiais, não ter nenhum problema com empregadas domésticas: qualquer caso de rebeldia é punido magistralmente com a prisão.

A doce vida na Corte tornou-se, por causa de tudo isso, desse espantoso rol de facilidades, numa espécie de vício tão difícil de curar quanto a toxicomania. Perde-se o cargo, às vezes, mas fica, sempre, o irresistível gosto pela pompa: tanto que, ao ser demitido, envolvido num grande escândalo, o ministro da Agricultura, Amaury Stábile, não hesitou e, ao fazer a mudança, esqueceu-se de que os móveis e quadros da casa que ocupava não eram seus e enfiou-os num caminhão, levando-os embora.

Perdia a glória de continuar sendo um cortesão, mas levava as ardentes lembranças de um passado que dificilmente esquecerá, mesmo quando, anônimo, solitário e esquecido, peregrinar sem que ninguém lhe dê importância pelos salões comuns do aeroporto da cidade — onde se juntará, como qualquer cidadão, aos que também foram, como ele, membros dessa fantástica, isolada e paradisíaca ilha onde o sonho ainda não acabou.

"Hoje em dia não é possível prever nada. E enquanto essas nuvens não sumirem, o jeito é ficar por aí se divertindo com essas filigranas do baile na Ilha Fiscal"
Golbery do Couto e Silva